

Água em três movimentos: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas

Loreley Garcia¹

Resumo

Pretende-se discutir a associação entre o feminino simbólico, frequentemente ligado ao elemento água, e o papel atribuído à mulher na formação de uma nova ética de manejo da água, adequada às necessidades do século XXI.

Nas Metas para o Milênio (2000) e na Conferencia Internacional da Águas (Berlim,2001), a ONU destaca a equidade de gênero como um condicionante para a implantação da gestão sustentável dos recursos hídricos. A participação da mulher na tomada das decisões sobre o destino das águas garante efetividade e sustentabilidade, evitando políticas equivocadas na provisão equitativa de água. Ela garante o acesso a todos, bem como confere a todos responsabilidade na preservação dos ecossistemas.

A escassez de água, sobretudo no meio rural, impacta muito mais mulheres e meninas, considerando que, na maioria das culturas, a divisão sexual do trabalho confere a elas tarefas de buscar, carregar, manipular e armazenar a água. Elas também detêm conhecimento acumulado sobre a localização, qualidade das águas e armazenamento que precisam ser resgatados. Criar uma nova cultura da água, implica interferir no imaginário social, repensar valores, comportamentos e adotar novos hábitos e atitudes.

Palavras-chave: água, papéis sexuais, imaginário, gênero, sustentabilidade.

Abstract

WATERS IN MOTION: MYTHS, IMAGINARY AND GENDER ROLE IN WATER MANAGEMENT. This article discusses the symbolic association between the concept of the feminine and the element water. We point out the role attributed to women in the creation of the new ethic of water management, adjusted to the necessities of the 21st. century. The Goals for the Millenium (U.N.2000) and the International Conference of Waters (Berlin, 2001) stress gender equality as a condition for the implementation of the sustainable management of water resources. The participation of women in river basin committees, making decisions on water destination, guarantees the effectiveness and sustainability, preventing mistaken politic decisions regarding equitable water partitioning. Gender equality guarantees the access to water resources to all, as well as confers to all responsibility in the preservation of ecosystems. The water scarcity, mainly in the rural environment, impacts more women and girls considering that, in most cultures, the sexual division confers them the tasks of searching, transporting, handling and storing the water. They also possess accumulated knowledge on the location, quality and storage of water that needs to be recovered. A new culture of the water demands a modification of the social imaginary, and to rethink values and behaviors and to adopt new habits and attitudes.

Key words: water, sexual roles, imaginary, gender, sustainability

A dimensão simbólica da água

De todos os elementos, nenhum tem a abrangência simbólica da água. Seus significados não são apenas múltiplos, mas mutantes e antagonicos. A água é tudo, para Tales tudo é água (Bruni, 1994).

Na trajetória simbólica da água na Terra, observa-se que em todas as culturas e em todos os tempos, ela esteve

associada tanto a possibilidade da vida, quanto a sua transitoriedade. Seu caráter é *unique*, assim como suas propriedades.

Na Grécia foi considerada o 1^a dos elementos, entre os Vedas é a fonte da vida; na China liga-se ao YIN que assim

¹ Dra. Sociologia, Pós Doutorado em Women's Studies (U.C.Berkeley), Coordenadora do Prodema UFPB (2006/8). loreley@dse.ufpb.br

como o tempo, se esvai, nada a detém; na Bíblia judaico-cristã representa a criação, a pureza, a bonança, expressando o contentamento de Deus com os homens, mas também o dilúvio- manifesta a ira divina.

A simbologia da água comporta vida e morte, reflexo da alma, olho do mundo, conduz ao abismo da enxurrada e a serenidade dos lagos; dos pântanos sombrios a fontes cantantes, corre na seiva, dilui, dissolve e destrói. A água mede o equilíbrio, dá forma ao mesmo tempo em que é um elemento disforme, sugerindo o Caos que precede a formação do universo.

Se cai como chuva, é benéfica, se salgada é estéril, se estagnada infecta, límpida atrai e mata a sede, fertiliza, salva e mata. Somos da água, e a água regressamos, viemos do líquido amniótico, a ele regredimos na imersão.

Morrer é cruzar o Rio do Esquecimento. As almas, quando deixam o inferno de Hades para encarnar na terra, estão sedentas e precisam cruzar o Rio do Esquecimento, que as separa do mundo dos vivos. Antes da travessia, saciam sua sede com a água do rio, essas águas têm o poder de fazer esquecer a vida anterior. As almas muito ávidas, bebem até o limite, por isso chegam ao mundo com a mente vazia; existem almas que bebem moderadamente, trazendo ao mundo lampejos da vida anterior; e há almas que saciam levemente e preservam as reminiscências da vida passada, elas serão os sábios, os filósofos. Todo conhecimento seria, de fato, um reconhecimento, o resgate de um conhecimento pré-existente.

Fria, úmida, lenta, rápida, separa, conecta, funciona como mediadora entre céu e terra, símbolo das emoções e da alma, a água é encarada como o elemento feminino por excelência, numa simbologia que congrega virtude, docilidade, fragilidade, persistência, força e humildade.

Se a água na Antiguidade era elemento primordial, a própria *physis* - o que brota de si mesmo e se desdobra, origem e matriz de todas as coisas vivas; no século XVIII torna-se H₂O: corpo incolor, insípido, inodoro...objeto da razão científica, um corpo entre outros, importante mas desprovido de alma ou sentido, uma coisa morta. (Bruni, p.57)

Bachelard (1998) coloca que o humano tem o destino da água, um elemento transitório, um ser em vertigem que morre a cada minuto, algo de sua substância desmorona constantemente. A água sofre.

A História dos homens, o que chamamos civilização, começa junto dos cursos da água, nos vales dos rios Nilo, Eufrates, Tigre, Indo, Amarelo...água servindo a cidades, a

indústria, gerando energia, transportando gente e mercadorias, atuando como refrigerio físico e psíquico.

A civilização moderna polui a água e destrói a toda a vida nela. Isto afeta os homens, não apenas na óbvia inviabilidade da vida biológica, como também na vida psíquica. A destruição que se produz sobre a água “danifica a dimensão simbólica, o patrimônio psíquico que o imaginário da água tem para o humano” (Bruni, 1994,p.64).

A água está conosco no cotidiano, sua falta gera transtornos imediatos, mesmo assim é como remédio psíquico que ela é imprescindível. Sendo a imagem da consciência de si mesmo, um espelho natural, a água reflete o homem.

Se nada na natureza escapa a representações humanas e atribuição de sentido, há que se ver, sentir e pensar a água muito além do H₂O, vê-la como mares e oceanos, rios e cascatas, orvalho e gelo, violentos tsunamis, fontes primaveris, pântanos profundos, chuvas, lágrimas do mundo.

Transformada em mercadoria, a água ainda está a disposição das populações e cai do céu grátis. Segundo a teoria do valor, mesmo depositária de valor de uso, seria um elemento sem valor de troca, não gerador de valor ou mais valor.

Agregar o custo ecológico a economia, como exige o século XXI, nos obriga a pensar a inevitabilidade de uma nova cultura da água para preservar a espécie sobre a terra. Há que interferir no imaginário social, demove-lo das crenças antropocêntricas, competitivas, utilitaristas responsáveis pela relação perversa que se estabeleceu entre a natureza e os homens.

Nossa relação com a água é um reflexo da crise civilizatória, cuja visão e compreensão de vida e mundo escoram-se num modelo de desenvolvimento (?) predatório.

Uma nova cultura da água implica em novos valores e mudança de comportamento. A água mítica tem valor ecológico, social, econômico, político e cultural.Sua existência, liga-se a nossa, sua manutenção depende da partilha de responsabilidade na preservação dos ecossistemas, isto exige novos hábitos, novos estilos de vida no mundo.

As senhoras das águas

Da Agenda 21- Água doce, capítulo 18:

“O manejo dos Recursos Hídricos baseia-se na consciência da água como parte do ecossistema, recurso natural e bem econômico e social. É recurso finito, altamente vulnerável, deve ser gerido com

critérios integrados com o desenvolvimento e o manejo ecossistêmico.

A gestão da bacia não abrange só o corpo da água, mas solo e vegetação, regular o uso, as descargas nos rios e regulação da oferta e demanda de água.”

As mulheres são a metade da população do mundo. As Metas do Milênio da ONU vinculam mulher, meio ambiente, água e saneamento.

Da Conferência de Johannesburgo (Rio+10), surge o compromisso de promover a igualdade entre os sexos e empoderar as mulheres através dos Planos Nacionais de Água, para garantir a sustentabilidade do uso da água e a preservação ambiental. Empoderamento não é dado, é auto-gerado, facilitando o acesso da mulher a produção de recursos e permitindo maior controle sobre suas vidas.

Desde a Conferência de Nairobi (1993) sobre Desertificação, já é clara a íntima relação entre a mulher, a água, o ambiente e o desenvolvimento. Portanto, ela deve estar incluída nos planos e políticas públicas, na qualidade de gestora dos recursos hídricos.

Com as Metas do Milênio, a ONU introduz a temática de Gênero pois a distorção do acesso a água está correlacionada com acesso ao poder. O fluxo da desigualdade se corrige com equidade entre os gêneros e participação ativa da mulher.

Também, a Conferência Internacional da Água (2001) em Bonn, referenda essa proposição para a gestão dos recursos hídricos do planeta. Em 2005, a ONU institui a Década Internacional Água para Vida, visando reduzir em 50% o número dos sem acesso a água potável e saneamento até 2015; e o fim da exploração insustentável da água

Foram consideradas duas premissas básicas: a água é a chave para o desenvolvimento, e há água para todos, garantir o acesso de todos implica na mudança do gerenciamento do uso.

A água é essencial para a redução da pobreza, fome e desnutrição. Nos países subdesenvolvidos a degradação da água aumenta o ciclo da pobreza e degradação em outras esferas da existência.

O gerenciamento adequado da água pressupõe a participação equitativa dos gêneros.

Entendemos o gênero como categoria relacional, existe a partir de um outro. Gênero é uma construção social e não biológica. É um conjunto de relações, inclusive de poder, que define a função social do indivíduo com base no seu sexo biológico. Frequentemente é opressivo para as mulheres,

limitando a auto-determinação sobre suas vidas, o acesso aos direitos, poder e controle dos recursos. A equidade garante a igualdade entre os sexos, as mesmas condições, idêntica distribuição de direitos, papéis sociais e responsabilidades.

Entendemos por gênero que se nasce macho/fêmea, se aprende a ser menino/menina para tornar-se homem/mulher. Existe um adestramento para que cada um desenvolva comportamentos, atitudes, papéis e atividades “apropriadas” a cada gênero. Papéis sexuais são resultado de comportamento aprendido, mas que podem ser modificados através de motivações.

As funções, tradicionalmente tidas como femininas, criaram um diferencial na forma de gestão dos recursos pelos sexos, sobretudo da água. A participação igualitária dos sexos nas decisões sobre a destinação dos recursos hídricos, garantirá a todos o acesso ao benéfico em áreas de escassez de água.

Dados da UNEP (2000) revelam que as regiões semi-áridas ocupam 40% do planeta (Sahel, Austrália, EUA, Rússia, China, Oriente Médio). Ainda, há 40% da população da África, América do Sul e Ásia vivendo em zonas semi-áridas.

Nas zonas semi-áridas do mundo, a mulher pobre é sempre a mais atingida com a falta da água. O desenvolvimento sustentável do semi-árido implica na participação equitativa dos sexos nos processos de decisão sobre o destino das águas e o manejo do ecossistema.

De acordo com a Organização Mundial para Saúde, 80% das doenças são de origem hídrica. A água contaminada mata 5700 crianças a cada dia, uma em cada 15 segundos. No Brasil, 22,6 milhões de pessoas não têm acesso a água tratada. Uma criança no Piauí tem 48 vezes menos acesso a água potável que uma criança em São Paulo. As crianças negras e índias têm 3 vezes menos acesso que as crianças brancas. Entre os mais pobres, 35% não têm acesso água, entre os ricos este número cai para 0,5%. É possível constatar a extrema desigualdade do país refletida nas condições de acesso e uso dos recursos hídricos.

Na divisão sexual de tarefas, é responsabilidade da mulher manter a saúde da família. Todavia, sua posição desigual na sociedade, não permite que tenha as condições para determinar o uso adequado da água ou decidir sobre saneamento.

As crises hídricas afetam a mulher ao comprometer as formas de conseguir o sustento, administrar os recursos e

chefiar a família. Muitas mulheres usam a vegetação e a floresta, coletam plantas para fins medicinais, alimentação, combustível ou comércio. São elas que sofrem o maior impacto com a deterioração do meio ambiente.

Entre os homens na zona rural, os proprietários de terra decidem sobre a água usada na agricultura. A mulher pobre vê a irrigação carrear a água que seria usada para múltiplos fins: a horta, uso doméstico como a lavagem, higiene, cozinha, cerâmica, forrageio para animais, negociam com a comunidade o acesso a água, avaliam as fontes, o padrão do suprimento, acionam autoridades e protestam.

Na maior parte das sociedades, é encargo da mulher a busca, manuseio e armazenamento da água para a família, a higiene, saneamento e saúde. Também são elas que detêm o conhecimento sobre a localização da água, a qualidade e métodos de armazenagem.

Quando a água escasseia, são elas que precisam procurar cada vez mais distante, carregam de longe, colocando a própria segurança em risco, ou perdem horas na fila do carro-pipa. O tempo feminino dedicado a conseguir água impede que se dediquem a outras atividades, que invistam em estudo, participem das atividades públicas, culturais, lazer ou produção de renda. Nos países subdesenvolvidos, elas passam até 8 horas por dia na faina com a água.

As conseqüências da desertificação para a mulher causam impacto altamente negativo, diminui a eficiência de suas tarefas, tornando-as cada vez mais dependentes do trabalho assalariado.

Dados da Unicef (1998), apontam a existência de 50 milhões de meninas fora da escola, ocupadas na coleta de água e lenha. O peso de carregar a água traz transtornos na saúde, a água de má qualidade provoca doenças infecciosas e sobrecarrega ainda mais a mulher, que também cuida dos doentes.

A carência de banheiros, por causa da falta de água, expõe a mulher a riscos de saúde e a própria segurança. Cerca de 10% as africanas abandonam a escola na puberdade, devido a falta de banheiros.

As mulheres não têm acesso a terra, a serviços para agricultura, extensionismo, créditos e financiamento, as interferências sociais, econômicas e culturais forçam a mulher rural a um papel subordinado, impedindo sua produtividade e limitando sua participação nas iniciativas empreendedoras. Às vezes, a própria lei estabelece as limitações.

No semi-árido, o direito de propriedade reduz as iniciativas das comunidades que, por não ter direito permanente a terra,

não atuam na manutenção da qualidade dos solos. Vivem uma insegurança crônica que compromete as condições ambientais como resultando de atitudes imediatistas.

Existe uma lacuna nos dados sobre papéis por sexo e idade na distribuição das atividades no semi-árido. No plano geral, o homem decide e planeja atividades da fazenda, a mulher tem pouca autoridade, precisa de permissão para empenhar os recursos da família ou tomar decisões.

Papéis de gênero, obstáculos que as mulheres rurais do semi-árido enfrentam, também existem em outros nichos. A discriminação de gênero no semi-árido resulta de uma estrutura sócio-cultural, econômica e política que produz marginalização, pobreza e acesso limitado e desigual aos recursos naturais.

A tarefa de recomposição do ecossistema, a recuperação do semi-árido pode ser um caminho para mudar o papel de gênero. O contexto tradicional é abalado por rupturas, migrações, pressão populacional, mudanças advindas da educação e das forças de mercado. Cria-se um novo cenário que exige maior responsabilidade da mulher para assumir papéis e funções entendidas como masculinas, demandar acesso a terra e controle da própria vida.

O peso das novas tarefas demanda uma divisão sexual do trabalho mais equilibrada, com redefinição dos papéis. Neste contexto de transições, o controle dos recursos naturais precisa da mulher na tomada de decisões sobre o combate a desertificação e o desflorestamento no semi-árido.

Participar das decisões sobre o uso da água, minimiza a desigualdade nas relações de gênero e aumenta o bem estar das mulheres pobres. As mulheres não são apenas um dos grupos de interesse, elas são o objetivo final, posto terem o papel central no manejo de água.

O desenvolvimento sustentado com sensibilidade de gênero é uma grande oportunidade para que homens e mulheres rurais unam forças para preservar os recursos naturais.

A *Gender and Water Alliance* fornece inúmeros exemplos de gestão de gênero no mundo, Honduras, Java, México, Burkina Fasso, Bangladesh, Niger, Camarões demonstram experiências de gestão participativa bem sucedidas, com base na equidade de gênero, rompendo estereótipos e papeis tradicionais.

Outro aspecto a ser levantado é o fato da água, um direito e um bem comum, encontrar-se privatizada pelas corporações no mundo todo. A privatização da água ocorre, muitas vezes,

por exigência do FMI e do Banco Mundial, trazendo conseqüências funestas para os países pobres como o aumento do custo, controle ao acesso e punição ao devedor com suspensão do serviço. A conseqüência imediata do aumento do custo da água é a exclusão dos grupos de renda menor, sendo o mais afetado o das mulheres chefes de família, que reduzem o uso da água em higiene e limpeza.

O trato da água como mercadoria e não com direito, cria distorções não só em zonas de escassez hídrica, na Amazônia há carência de água potável que é monopólio das transnacionais.

Com a supressão do sistema comunitário de água potável, a mulher perde o acesso aos recursos naturais. O conhecimento coletivo tradicional sobre o uso e gestão da água tende a desaparecer.

Segundo a FAO (2003), a falta de conhecimento sobre as técnicas de preservação utilizadas pelas populações das regiões semi-áridas, a negligência em relação às prioridades dos usuários, leva as intervenções técnicas a falharem, pois terminam sendo recusadas pelas comunidades locais.

É possível resgatar e compartilhar os conhecimentos e habilidades de manejo das comunidades tradicionais que, usados de forma holística, proporcionam a gerência dos recursos de forma integral e eficiente, mitigando efeitos da degradação das águas.

Quando a manutenção dos ecossistemas for responsabilidade de todos, a participação da mulher na gestão trará efetividade e sustentabilidade aos recursos hídricos e conservação das bacias. Políticas públicas que desconhecem as necessidades particulares da mulher, ou sua contribuição no manejo do semi-árido, estão fadadas ao fracasso.

Cada vez mais, cresce o reconhecimento da comunidade e da mulher como inovadores de técnicas para conservação da biodiversidade e combate a desertificação.

Papéis de gênero mudam com o tempo e as circunstâncias, porque não existe um conhecimento particular associado a um sexo, mas uma construção cultural e comportamental que varia no espaço e no tempo.

Um comitê gestor de bacia será bem sucedido se garantir a democracia e a equidade de gênero entre os participantes. Ele funciona como um conselho, onde participam setores do poder público, capital privado e a sociedade civil. O comitê gestor compartilha a responsabilidade entre todos, distribui direitos e deveres na gestão participativa dos recursos hídricos que a todos pertencem.

A finalidade do comitê é a qualidade de vida, entenda-se todas as formas de vida que interagem num processo de retroalimentação. A perspectiva é sistêmica, porque acompanha o fluxo da própria natureza onde qualquer dano à flora e fauna, fatalmente comprometerá a vida humana.

O fogo feminino

Em Marquetti (2002), o Caos que antecede o Universo é marcado pela indiferenciação entre o masculino e o feminino. É na ordenação do Caos que surge a Deusa Mãe, a fonte de tudo, potência geradora inscrita no feminino.

Poder feminino e água estão impressos no simbolismo dos celtas com as deusas da água, Epona senhora das águas; Rhianon, senhora do mundo inferior; Dana, a Grande Mãe; Morgana, a nascida do mar.

Na mitologia nórdica, as Walkírias colecionavam as almas dos mortos como gotas de água caídas das folhas e as purificavam na esperança de escutar as chamas do coração de um homem livre e corajoso, o que encanta os deuses, se escutassem elas conduziriam sua alma ao Valhala. Brunilde, a rainha das Walkírias, se atira nas chamas como se fosse banhar-se em ouro, as chamas purificam seu corpo.

Os gregos têm Perséfone, senhora das almas, rainha do Inferno; Ártemis, curótrofa, - pelas mãos de quem as meninas deixam a selvageria para se tornam Afrodite, Atena, Hera...através da educação ou do casamento.

A terra também é a continuidade da água, as Dríades, com seus longos cabelos ao vento, seguram nas mãos um machado para castigar todo aquele que maltrate a floresta. O culto das Dríades liga-se a Ártemis, as árvores sagradas estão intimamente ligadas a água, pois o trabalho das folhas espelha as superfícies dos rios e dos córregos.

As divindades orientais também admiram as fontes e os rios. A força mágica das águas é a luz do seu culto, beber, banhar-se estão nos atos rituais.

Na cultura Yoruba, Nanã é a senhora da água parada, Yemanjá é mãe adulta das águas salgadas e Oxum, a jovem mãe da água doce. Os esquimós têm Sedna, a deusa-foca, os índios brasileiros têm na Iara, sereia do rio.

As sereias em Homero são descritas como demônios do Meio Dia, fantasmas que surgem na calma hora, na hora da melancolia, da solidão dos mortos, nos momento sem sombras. As sereias usam do torpor da morte para comandar os vivos.

O elemento água é entendido como feminino devido a sua característica passiva e maleável, a plenitude que purifica o desejo. A força da água vem da persistência, é dadivosa e purifica através da bondade.

O elemento fogo também tem poder de purificar, mas através da compreensão, do conhecimento, da paixão e da criatividade.

A tipificação dos elementos com base nos estereótipos de gênero, ignora um aspecto da relação entre o ser e água, o aspecto erótico. A água tem o poder de envolver num amplexo ímpar, proporcionando uma das sensações mais intensas que os humanos podem obter da natureza.

Através dos elementos estamos em contato com o mundo, eles nos conferem a condição de ser-com-o-mundo (*mit-da-sein*). Foram os filósofos pré-socráticos que indagaram sobre a composição material do mundo lançando as bases racionais para a compreensão da natureza. Deles herdamos a idéia que tudo é composto por átomos e que a natureza está sempre em transformação. A mutação permanente é resultado da ação dos agentes transformadores como o fogo, água, ar, terra e das espécies da natureza.

Os alquimistas usavam os poderes transformadores do elemento fogo para purificar os metais, na busca de conseguir o de maior pureza, o ouro. Eles sabiam que os elementos têm propriedades em comum, se a água é fria e úmida, a terra é fria, mas na forma gelo, ela é fria e seca. Assim, se os elementos partilhavam das mesmas propriedades, deveria ser possível transformar diferentes materiais entre si.

Mas, não é a pedra filosofal sozinha, que permite a purificação do metal, o alquimista atua não só como não agente na transformação dos materiais, como ele mesmo se transforma espiritualmente através desta prática, o alquimista se purifica na medida que se aproxima do seu objetivo.

Na simbologia alquímica, o homem integra o cosmos, a purificação dos metais leva à purificação da alma.

Para os alquimistas, o triângulo voltado para baixo representa o princípio feminino - a taça, o útero, o continente e o elemento água. O triângulo voltado para cima resume o princípio masculino, fálico e o elemento fogo. Os triângulos superpostos, os ícones do fogo e da água, representam a fusão dos dois elementos, gerando a terra e o ar.

Na alquimia, alguns seres são formados pela composição de elementos, metade do corpo nas chamas - o fogo de sal que a água queima, dá o equilíbrio as sereias.

Seres híbridos entre o humano/divino e o animal, as sereias povoaram o imaginário de todos os povos. Multifacetada, aparece como virginal e etérea, monstro e, quando é mãe, é uma mãe fálica, sempre marcada pelos cabelos e a sensualidade, canto e poder de atração. A sereia produz um encanto que atinge além do ego, mobiliza poderes do inconsciente através da música e da beleza. Seduz e encanta porque tem o poder de tocar as profundezas do ser. A sereia é a sedução arquetípica.

Seduzir é igual a *se-ducere*, conduzir a parte, guiar para outro lado, mudar a rota, deslocar. A sereia é o desvio do caminho reto. Depois de ouvi-la, não se é mais o mesmo. Não se escapa impunemente a seus encantos. Ela faz aflorar aquilo que está oculto, inconsciente. A sereia dá voz à alma. E, o local da alma é o mundo imaginário. Assim, a canção da sereia mantém vivo o imaginário.

A força feminina acende o fogo perpétuo da criação. O fogo feminino é qualidade da mulher desperta no mundo em mutação. O Fogo feminino é um fogo da Terra que atrai o Céu, Gaia e Uranos atraídos um pelo outro. Os homens precisam aprender a aceitar o fogo feminino e as mulheres não devem temer desvelá-lo. O Fogo feminino desperto reinventa o homem, a mulher, gerando uma relação entre seres mais completos, uma metamorfose que refaz a história humana com a natureza.

Os elementos se equilibram nos momentos mágicos, o amanhecer e o anoitecer, a hora exata que divide o tempo, como o Solstício divide o ano; onde fogo e água são um só.

Referências

- ABERS, R. & JORGE, K. 2005. Descentralização da gestão da água: por que os comitês de bacia estão sendo criados. Ambiente e Sociedade VIII, n.2.
- ALEGRIA, M.A. 2004. O Gênero na gestão da água. Revista Eco 21, Ano XIV, Edição 97.
- BACHELARD, G. 1998. A água e os sonhos - Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes.
- BRUNI, J.C. 1993. A Água e a Vida. TEMPO SOCIAL, Rev. Sociologia Usp 5 (1-2).
- BULTEAU, M. 1987. Die Töchter der Wasser - Mitologische gestaltungen des unbewussten. Bad Münstereifel, Trilla: Edition Tramontane.

- CATALÃO, V.L. As sutis qualidades da água. Mimeo,n/d.
- CHRISTOFIDIES, D. 2006. Água: gênese, gênero e sustentabilidade alimentar no Brasil. Brasília, mimeo.
- GONÇALVES, R. 2002. Discursos e Práticas Alquímicas, Vol1. Hugin Editores, Lisboa.
- KHOSLA, P. & PERAL, R. 2006. CONEXIONES CLAVES: Género, Agua y Pobreza, Eslabones Clave, Compromisos Gubernamentales, Acciones Y Herramientas Para Su Implementación. mimeo, www.wedo.org. (agosto, 2006).
- LAUDAZI, M. 2003. Gender and sustainable development in drylands: an analysis of field experiences. Gender and Population Division, FAO.
- MARQUETTI, F. 2002. O espelho de Dana. Rev.Brathair n.2.
- MORNA, C.L. (2000. Mainstreaming Gender in Water and Sanitation., Mvula Conference on Women, Water and Sanitation.
- OLIVEIRA, M.F. Sereias, Iaras, Iemanjá- a sedução da alma. www.rubedo.psc.br.
- PENNA, L.C.1996 Divindades femininas no Brasil. Rev. Hermes, Sede Sapientis v.1, São Paulo.
- SCHREINER, B. 2001. Água, Gênero e Pobreza. Conferência Internacional sobre Água Doce, Bonn.
- SENRA, J.B. & FRANKLIN P.Jr. 2005. Uma nova cultura da água requer um novo jeito de planejar. *Encontro por Uma Nova Cultura da Água na América Latina, Fortaleza.*
- SILIPRANDI, E. 2000. Ecofeminismo: contribuição e limites para abordagem de política ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v1,n.1.
- TIAGO, G.G. Mitos das águas: a cultura haliêutica e seus poderosos significantes ancestrais, mimeo,n/d.
- WIJK, C. van (2001). The Best of Two Worlds? Methodology for Participatory Assessment of Community Water Services. IRC Technical Paper Series 38, IRC International Water and Sanitation Centre, Delft, Netherlands.